

JUNGUIANOS E PSICODÉLICOS: um diálogo em construção

Iago Lôbo

Artigos



RESUMO

O artigo introduz o debate sobre psicodélicos na literatura junguiana, revisando os principais comentários de C. G. Jung, Aniela Jaffé e Marie-Louise von Franz sobre o tema, além dos trabalhos de Ronald Sandison, Margot Cutner, Michael Fordham e Betty Eisner, junguianos que usaram psicodélicos em contexto terapêutico entre as décadas de 1950 e 1970. Discordando da opinião negativa de Jung contra esse modelo de psicoterapia, esses pioneiros junguianos encontraram uso terapêutico de psicodélicos, enfatizando o trabalho de integração dos materiais inconscientes acessados. Embora Jung tenha sido contrário ao uso clínico de psicodélicos, sua teoria e conceitos psicológicos revelam facilmente aplicáveis na compreensão da experiência psicodélica, contribuindo para uma ampliação dos debates no âmbito do Renascimento Psicodélico. O texto pretende servir de referência teórica e bibliográfica para estímulo de mais trabalhos clínicos e teóricos sobre o uso de psicodélicos a partir da psicologia junguiana.

Palavras-chave: Jung; Psicologia Analítica; Renascimento Psicodélico; Terapia Psicodélica; Terapia Psicolítica

INTRODUÇÃO

Entre o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000 observamos um movimento global de retomada das pesquisas envolvendo ensaios clínicos com substâncias psicodélicas em humanos. Esse movimento tem sido chamado de Renascimento Psicodélico (SESSA, 2013), fazendo referência à retomada dos esforços iniciados nas décadas de 1950 e 1960, originando a disciplina que hoje chamamos de Ciência Psicodélica. As substâncias psicodélicas vêm sendo propagadas, principalmente pelos meios de comunicação de massa, como possíveis promessas para as crises globais de saúde mental, e nos meios acadêmicos, uma esperança de um novo paradigma no campo das psicoterapias associadas a substâncias psicoativas. Mas ainda é um campo em construção; ou, talvez possamos dizer, em disputa.

Via de regra, o que vem sendo chamado de Ciência Psicodélica são os conhecimentos produzidos dentro de um contexto acadêmico e biomédico, que nem sempre valoriza fatores subjetivos e sociais da experiência psicodélica. A psicologia não tem tido tanto protagonismo nesse cenário, mas, aos poucos, a categoria vem sendo convocada a pensar os diferentes contextos de uso de psicodélicos, que aparecem cada vez mais nos consultórios como demandas clínicas: seja como espaço de elaboração de uma experiência com alguma substância psicodélica, seja como espaço de preparação e acompanhamento para essas experiências.

Ainda que a postura reticente de Jung em relação aos psicodélicos pareça ter influenciado o campo junguiano até os dias atuais, o convite da Associação Junguiana do Brasil para escrever este artigo e compor uma mesa sobre psicodélicos, ao lado do Prof. Dartiu Xavier, no XXVII Congresso da AJB (11-14/09/24), em Salvador, demonstra uma mudança de perspectiva sobre essas substâncias. Neste texto, a partir de uma revisão de literatura, buscarei demonstrar os diferentes posicionamentos adotados por junguianos sobre as substâncias psicodélicas e seus usos terapêuticos, propondo uma reaproximação entre os campos e sugerindo temas para trabalhos futuros.

1. JUNG E A MESCALINA

Não poderíamos começar esta conversa por outro ponto que não os próprios escritos de Jung sobre o tema. Tendo morrido no ano de 1961, seria difícil Jung não ter ouvido falar sobre as experiências com psicodélicos que ganhavam espaço entre intelectuais e escritores europeus e norte-americanos pelo menos desde a década de 1920. Os psicodélicos se popularizariam ainda mais no meio científico depois da descoberta dos efeitos psicoativos do LSD em 1943.

Os únicos escritos de Jung que citam diretamente os psicodélicos são encontrados em cinco cartas pessoais e em dois capítulos do *Psicogênese das doenças mentais*, entre os anos de 1953 e 1959. Considerando esses textos, percebe-se que Jung teve contato com as pesquisas com psicodélicas realizadas dentro do período chamado de Primeira Era Psicodélica (SESSA, 2013), entre as décadas de 1880 e 1930, quando as principais substâncias psicoativas pesquisadas eram o ópio, o haxixe e a mescalina. Como veremos mais à frente no texto, embora tenha lido trabalhos sobre o LSD, Jung parece ter consolidado suas impressões sobre os usos psicoterapêuticos de psicodélicos a partir da leitura de pesquisas e relatos com a mescalina (princípio ativo encontrado nos cactos peiote e wachuma).

Predominava nessa Primeira Era Psicodélica, desde a síntese da mescalina em 1919 e a invenção¹ do LSD em 1943, o paradigma psicotomimético (palavra derivada do termo *mimese*, imitação), que propunha o uso dessas substâncias como ferramentas de indução de estados psicóticos, para compreensão da experiência fenomenológica da loucura, bem como descobrir suas possíveis causas. No paradigma psicotomimético, portanto, os potenciais clínicos dos psicodélicos ainda não eram reconhecidos nem investigados (RODRIGUES, 2019, p. 17), o que também pode ter influenciado a visão de Jung.

A primeira referência direta de Jung sobre os psicodélicos está numa carta de 1953, escrita em resposta ao parapsicólogo Joseph Rhine [1895-1980] (JUNG, 2015a). Em carta anterior, Rhine, além de sugerir que Jung escrevesse suas recordações de experiências e observações de fenômenos extrassensoriais, comenta sobre os experimentos do escritor britânico Aldous Huxley [1894-1963] e de um grupo de cientistas que incluía “[...] um inglês e um psiquiatra canadense usando o alcaloide mescalina como método para lhes dar acesso a operações inconscientes”. Jung responde dizendo que o pesquisador no Canadá é o Dr. Smythies, mas que não consegue ver quais contribuições seu trabalho traria para a compreensão dos fenômenos extrassensoriais.

Em *As portas da percepção*, onde Huxley relata suas experiências pessoais com a mescalina, o escritor faz referência ao trabalho de John Smythies [1920-2019], afirmando que “[...] pelo menos um filósofo profissional tomou mescalina com o intuito de lançar luz sobre antigos enigmas não resolvidos, tais como o lugar da mente na natureza e a relação entre o cérebro e a consciência” (HUXLEY, 2022, p. 10). Mergulhado no paradigma psicotomimético, o psiquiatra passou a defender que a esquizofrenia poderia ter sua causa na produção anormal de alguma substância endógena semelhante à mescalina, como a catecolamina (SMYTHIES, 1953).

Em outra carta (JUNG, 2015c), Jung diz ter conhecido por volta do ano de 1925 o trabalho do Dr. Prinzhorn [1886-1933], psiquiatra e historiador da arte que realizou experimentos com mescalina na

¹ Escolhemos a palavra “invenção” e não “descoberta” para enfatizar um aspecto ativo do inconsciente de Hoffman no processo de desenvolvimento da molécula de LSD, já que existe uma hipótese que levanta um importante componente intuitivo nessa história: o químico “pai do LSD” acredita ser “totalmente possível” a hipótese levantada pelo químico David Nichols, de que Hoffman teria tido na verdade “uma experiência mística espontânea, a partir de uma vinculação sincrônica, que explicaria tanto o ‘pressentimento peculiar’ que persistiu junto ao químico [depois de abandonar os estudos iniciais da nova molécula], quanto sua decisão de ressintetizar a molécula, mesmo contra a opinião de seus supervisores”. A hipótese de Nichols se sustenta no conhecido fato de que “o químico ‘teria uma predisposição a estados alterados de consciência’, tendo inclusive relatado uma experiência do tipo ainda durante sua infância”. A história da criação do LSD e a hipótese levantada por Nichols está descrita por mim e colegas no capítulo “Doces, amargos e sem gosto: LSD, adulterantes e manejo de efeitos adversos”, publicado no livro *Redução de danos em contexto de festas* (LÔBO et al., 2021).

Alemanha – quase 20 anos de o LSD ser inventado. A partir desses relatos, podemos concluir que Jung foi introduzido aos psicodélicos através do contato com pesquisas com mescalina, de caráter psicotomimético, que enfatizavam os sintomas e estados induzidos pelo psicodélico, equivocadamente comparados a patológicos, e ignorando seus possíveis usos clínicos.

Já em 1954, Jung reconhece não conhecer tanto sobre as substâncias do tipo da mescalina. O padre Victor White [1902-1960] escreve a Jung comentando ter sido convidado a um manicômio para dar suporte à equipe quanto a materiais de cunho arquetípico e religioso experimentados por pacientes sob efeito de LSD. Jung questiona se a droga que o padre chama de LSD é a mescalina, e confessa conhecer “muito pouco” sobre o tema e não saber qual poderia ser o valor psicoterapêutico para neuróticos ou psicóticos (Jung, 2015b). Mesmo reconhecendo não estar tão atualizado sobre as pesquisas com psicodélicos, Jung demonstra como enxerga de forma negativa as experimentações da ainda então recente ciência psicodélica, afirmando que “[...] É horrível que os alienistas tenham encontrado um novo veneno para brincar, sem o menor conhecimento ou sentimento de responsabilidade” (JUNG, 2015b, p. 173).

Enquanto os alienistas são comparados por ele a um cirurgião que nunca aprendeu mais do que abrir a barriga do paciente e deixar as coisas lá no mesmo lugar, Jung compara Huxley ao personagem do poema de Goethe, que aprende com o mestre como convocar fantasmas, mas não sabe como se livrar deles (JUNG, 2015b, p. 173). Embora não possamos negar a existência de graves erros bioéticos e metodológicos nas primeiras pesquisas com psicodélicos (GEORGE et al., 2020), concordamos com o psicólogo junguiano Fernando Beserra (2011, p. 48) quando diz que Huxley “[...] não pode ser acusado de ‘falta de desenvolvimento moral’ correspondente a sua ‘invenção’, já que toda sua obra procura responder à sociedade de sua época, as questões políticas, morais, filosóficas que então se encontravam consteladas”.

Na carta a White, Jung (2015c, p. 222) explica o motivo de suas “dúvidas e hesitações” ao uso dos psicodélicos, entendendo que, ao proporcionar um contato com o inconsciente, a experiência psicodélica demandaria necessariamente um trabalho da consciência que ele não acreditava ser possível.

Só sei que não tem sentido em querer saber mais do inconsciente coletivo além do que se consegue através dos sonhos e da intuição. Quanto mais você conhece dele, maior e mais pesado se torna o seu fardo moral, porque os conteúdos inconscientes se transformam em tarefas e deveres pessoais assim que começam a se tornar conscientes (JUNG, 2015b, p. 172).

Em carta de 1955, em resposta ao entusiasta do LSD Alfred Hubbard [1901-1982], Jung admite nunca ter tomado psicodélicos

ou dado a ninguém; apesar disso, entende que dedicou pelo menos 40 anos de estudo à “[...] esfera psíquica que é descortinada por esta droga: isto é, a esfera das experiências numinosas” (JUNG, 2015c, p. 222). Quando compara o uso da mescalina à imaginação ativa e outras técnicas analíticas, Jung acredita que alcançam resultados similares: quais sejam, a “[...] completa realização dos complexos, e visões e sonhos numinosos”. A diferença da mescalina, entretanto, seria que ela “[...] revela tais fatos psíquicos em qualquer tempo e espaço, quando e onde não há nenhuma certeza de que o indivíduo seja maduro o suficiente para integrá-los”, enquanto no processo analítico esse encontro se daria “[...] no devido tempo e espaço, no curso do tratamento” (JUNG, 2015c, p. 222).

A mescalina remove bruscamente o véu do processo seletivo e revela a camada subjacente de variantes perceptivas, aparentemente um mundo de riqueza infinita. Assim, o indivíduo obtém um *insight* e uma visão completa das possibilidades psíquicas que de outra forma (por exemplo, através da imaginação ativa) só alcançaria por meio de um trabalho assíduo e de um treinamento relativamente longo e difícil. Mas se ele os alcança e experimenta [desta forma], ele não só os adquiriu através de um esforço legítimo, mas também chegou ao mesmo tempo a uma posição mental em que pode integrar o significado da sua experiência. A mescalina é um atalho e, portanto, produz como resultado apenas uma impressão estética talvez inspiradora, que permanece uma experiência isolada e não integrada, contribuindo muito pouco para desenvolvimento da personalidade humana (JUNG, 2015c, p. 223).

Já em 1957, em resposta à carta de Betty Eisner [1915-2004], junguiana pioneira na psicoterapia com psicodélicos, Jung quase parece reconhecer algum benefício no uso dos psicodélicos, ao afirmar que “[...] é um fato que você obtém certas percepções e experiências de coisas que aparecem tanto em estados místicos quanto na análise de fenômenos inconscientes, assim como os primitivos em suas condições orgíacas ou intoxicações” (JUNG, 2015d). Mas, na sequência, mais uma vez aparecem suas preocupações quanto à integração da experiência.

Nos capítulos “A esquizofrenia” e “Novas considerações sobre a esquizofrenia”, inseridos no *Psicogênese das doenças mentais*, Jung (2015f, 2015g) explicita como entende o funcionamento psicodinâmico dos psicodélicos. Para ele, a experiência psicodélica se aproximaria de fato da experiência esquizofrênica, como uma “desintegração” ou “fragmentação da apercepção” derivada de um “extremo *abaissement du niveau mental*” (§569).

Esta droga e as similares provocam, como se sabe, um *abaissement* que torna perceptíveis variações inconscientes da percepção, através da queda do limiar da consciência, enriquecendo, por um lado, a percepção de maneira espantosa e, por outro, impossibilitando a integração na orientação geral da consciência (§569).

Neste período, mesmo dando continuidade a suas observações e comparações entre um “distúrbio tóxico” (§570) e a esquizofrênica, aqui Jung parece já começar a se distanciar do paradigma psicotomimético – e também da noção de uma causa orgânica ou tóxica para a psicose. Depois de reconhecer que “[...] o comportamento descontínuo, abrupto, rígido e de estancamento da apercepção esquizofrênica difere da continuidade fluida e móvel dos sintomas produzidos pela mescalina”, ele afirma já ter abandonado “[...] a possibilidade [elaborada 50 anos antes] da existência de uma toxina metabólica específica”, passando a observar que “[...] a causa psicogênica da doença é mais provável do que a tóxica” (§570). Coincidentemente, ou não, neste mesmo ano de 1958 foram divulgados os resultados de um grupo de estudo internacional organizado pela Organização Mundial de Saúde, que relatou ser favorável à continuidade das pesquisas com psicodélicos, e sugerindo que o termo psicotomimético, “[...] até ser substituído por um mais feliz, não deve ser usado”, dadas as diferenças significativas em relação aos sintomas psicóticos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1958).

Uma sexta troca de correspondência merece menção aqui, embora Jung não trate diretamente sobre psicodélicos, pelo seu valor histórico: a carta de Jung (1961) a Bill Wilson [1895-1971], fundador dos Alcoólicos Anônimos (AA), virou referência no meio junguiano para os estudos da dependência química (especialmente do alcoolismo). Jung afirmava que alguns alcoolistas poderiam se recuperar “[...] através de experiências espirituais, mais conhecidas como conversões religiosas” (LATTIN, 2012, p. 61), sintetizando a ideia na máxima *spiritus contra spiritum*: “Usa-se a mesma palavra tanto para a experiência religiosa, como para o veneno mais depravado” (JUNG, 1961, p. 625). Para Jung, o alcoolismo seria um desvio inferior no caminho de busca de conexão espiritual.

Jung faleceu, porém, antes de receber a carta de resposta de Wilson, na qual relatava ter vivido uma experiência mística numa sala de hospital que havia, de fato, contribuído no seu tratamento do alcoolismo. Wilson, mais de 20 anos depois, revive esta experiência ao tomar LSD junto ao psiquiatra Humphry Osmond [1917-2004], e passa a defender o uso do LSD como preparação para alcoolatras com dificuldade em compreender o aspecto espiritual dos 12 passos do programa do AA (LATTIN, 2020; MCDONNEL et al., 2024).

2. JUNGUIANOS E PSICODÉLICOS

Como vimos, Jung parece ter adotado uma postura conservadora, ou cuidadosa, em relação ao uso de psicodélicos. Ainda que concordasse que “[...] o rebaixamento da consciência proporcionado pela droga [mescalina] oferece nenhuma resistência ao inconsciente” (JUNG,

2015e, p. 300), entendia que esse contato com o inconsciente não poderia ser benéfico ao indivíduo ou à cultura sem um trabalho equivalente da consciência. Para ele, seriam suficientes os contatos com o inconsciente proporcionados de forma espontânea (pelos sonhos, sincronicidades, símbolos, etc.), a serem elaborados no trabalho analítico. Importantes discípulas, como Marie-Louise von Franz e Aniela Jaffé, seguiram-no nessa forma de entender o fenômeno das drogas, reforçando uma perspectiva proibicionista dentro da teoria junguiana.

Jaffé [1903-1991], discípula próxima de Jung e editora do *Memórias, sonhos e reflexões*, escreve em 1971 sobre a mesalina numa curta passagem do seu livro *O mito do significado na obra de Carl G. Jung* (JAFFÉ, 2021). No texto, fica claro que Jung foi sua principal referência para elaboração do tema que escreve, postulando qual seria a posição adotada pelo mestre:

Jung mostrou grande interesse pelas experiências com a mesalina. Viu nelas a confirmação das suas pesquisas sobre as manifestações do inconsciente e sua numinosidade. Repudiou o uso de drogas em psicoterapia ou como meio para experiência espiritual e uma “re-harmonização religiosa” do homem, o que não poderia ser diferente, tendo em vista o seu respeito pela natureza e pelos seus ritmos e leis próprios. Uma experiência induzida artificialmente não está, em geral, de acordo com o desenvolvimento e a maturidade da personalidade. Essa discrepância encerra um perigo, porque qualquer conteúdo que emerge do inconsciente para a consciência implica um dever espiritual ou moral, que, se não for cumprido, levará a incompreensões, complicações, sofrimento e doença (JAFFÉ, 2021, p. 62).

Para a autora, o crescente interesse no uso das substâncias psicodélicas poderia ser explicado como um movimento inconsciente de compensação frente à ação esmagadora da realidade externa e da racionalidade excessiva de nossa cultura. Ainda que considerasse que a experiência psicodélica “não é diferente de uma psicose”, Jaffé (2021, p. 60) conseguiu perceber que “[...] como nas fantasias do estado desperto, a função de perceber, experimentar e discernir do ego é preservada”, bem como que contextos específicos, como o uso dentro de uma tradição religiosa, “[...] oferece uma proteção contra a irrupção do inconsciente provocada pelo tóxico” (JAFFÉ, 2021, p. 62). Pesquisa brasileira realizada no âmbito do Renascimento Psicodélico, sob orientação do professor Dartiu Xavier, com adolescentes membros de religião ayahuasqueira, reforça esta observação ao demonstrar que os voluntários apresentaram condições de saúde física e mental semelhantes aos do grupo controle, além de menor prevalência de sintomas psiquiátricos (SILVEIRA et al., 2005); embora faltem evidências objetivas, os pesquisadores consideraram que a filiação religiosa e o suporte do grupo e da família podem ser fatores protetores para psicopatologias e para uso problemático de substâncias psicoativas (SILVEIRA et al., 2005; GROB, 1999).

Nas citações, percebemos que Jaffé fundamenta seu pensamento sobre os psicodélicos quase que exclusivamente nos escritos de Jung contidos na obra *Psicogênese das doenças mentais* (citados anteriormente), e na clássica carta para o padre Victor White. Von Franz [1915-1998], por sua vez, também elabora a partir dos sonhos de pacientes “drogados”, mostrando que talvez possa ter tido mais contato clínico direto com usuários de psicodélicos do que Jaffé ou Jung. No seu texto *As drogas na visão de C. G. Jung*, ela reafirma que o suíço “[...] estava profundamente inquieto com a nossa tendência atual de explorar essas descobertas por mera curiosidade, sem reconhecer a crescente responsabilidade moral a que nos expomos” (VON FRANZ, 1999, p. 323).

Percebemos um equívoco, ou um viés, na análise de Von Franz já nas suas premissas, quando ela fala de “drogas” e de “drogados” de forma genérica, sem reconhecer as especificidades farmacológicas de cada substância e seus contextos de uso: para ela, drogas com efeitos e classificações tão distintas entre si como haxixe, LSD e heroína, teriam o mesmo efeito básico, qual seja, “[...] um declínio da percepção, ou seja, a decomposição da síntese consciente e da percepção de gestalts” (VON FRANZ, 1999, p. 323-324). O interessante, entretanto, no trabalho de Von Franz, é que a análise dos sonhos dos usuários de psicodélicos parecem mostrar que o uso dessas substâncias parece ter facilitado a compreensão consciente sobre os motivos e símbolos inconscientes constelados nos sonhos.

Em um dos casos, a analista relata que “[...] uma mulher jovem, altamente prendada artisticamente, mas que fora extremamente estringida psiquicamente” (VON FRANZ, 1999, p. 327), tomou LSD e depois “[...] sonhou que tivera uma adorável ‘viagem’, mas que agora tinha que adotar uma diferente abordagem”, entrando em análise na sequência. Em outro caso, um usuário regular de LSD, que sempre tinha experiências positivas, depois que entra em análise experimenta uma “*bad trip*” quando toma a substância novamente. Nos dois casos, ela parece apontar para a análise como o caminho mais legítimo para acesso ao inconsciente: “É evidente que agora que ele conhecia um caminho melhor para o inconsciente, as viagens decorrentes do uso das drogas haviam de certo modo se tornado ilegítimas. E o inconsciente beneficentemente o assustou” (VON FRANZ, 1999, p. 326).

Para o junguiano Fernando Beserra, cofundador da Associação Psicodélica do Brasil, “[...] Infelizmente Von Franz, eminente pesquisadora junguiana, cai em um terrível etnocentrismo e numa ausência de relativização sociocultural, psicológica e química em seu comentário” (BESERRA, 2014, p. 228). Segundo Beserra, “[...] Está na cara de Franz [...] a diferença radical entre os usuários, seus usos e suas escolhas de substâncias utilizadas, também a diferença da reação do inconsciente e da psique ‘transpessoal’”; apesar disso, ainda segundo ele, ela termina o capítulo com uma “perspectiva reacionária e ilógica”:

A humanidade tem frequentemente avançado em direção a novas realizações passando através de erros. Parece-me bastante compreensível, e mais do que perdoável, que muitas pessoas da geração mais jovem sejam incapazes de suportar o vazio intelectual e a desumanização da nossa incultura tecnológica, e recorram às drogas. Mas então, para cada indivíduo, chega a hora na qual precisa decidir se quer mergulhar para sempre nessa inexpressividade ou passar através dela, como se através de um portão, e avançar em direção à grande obra do autoconhecimento objetivo (VON FRANZ, 1999, p. 330).

Perspectivas reacionárias que equivalem o usuário de droga a um doente ou dependente químico não são incomuns no debate junguiano sobre uso de substâncias psicoativas, como pode ser percebido na leitura da obra de Luigi Zoja [1943-], uma das principais referências junguianas sobre o tema. Zoja (1992) argumenta que o mundo ocidental se afastou dos rituais de iniciação, mas, sendo uma necessidade arquetípica, tenderia a retornar de forma negativa. Para ele, o uso de drogas seria uma expressão de uma necessidade inconsciente de iniciação, e um dos modos que os jovens ocidentais encontram para se iniciar numa identidade completa e adulta seria o uso de drogas. O autor chega a substituir o termo “dependência de drogas” por “iniciação às drogas” (BESERRA, 2014, p. 230), que assumiria uma qualidade negativa, destrutiva e inconsciente, garantindo a perda da condição anterior, mas sem contribuir para a emergência de uma nova consciência, e tendo sua realização na morte simbólica ou factual (ZOJA, 1992, p. 58).

A minha hipótese é que toda tentativa de iniciação, quando não está suficientemente consciente, nem protegida por rituais, nem inserida num complexo cultural coerente, mobilize do modelo arquetípico, sobretudo o processo de morte, quer porque é o primeiro e mais simples, quer porque, ao contrário da regeneração, é facilmente realizável de modo literal, como morte orgânica; e a necessidade, frustrada na sua expressão simbólica, tende a se literalizar (ZOJA, 1992, p. 58).

Embora traga um debate significativo, Zoja também parece cometer alguns exageros no tom pejorativo e moralizante com que analisa o uso de substâncias psicoativas. Para o autor, um uso patológico começaria quando o consumo da substância se afasta da sua função arquetípica, o que abrangeria, por exemplo, todo tipo de uso recreativo, inclusive de substâncias legalizadas como o álcool ou tabaco. Para os junguianos Fernando Beserra e Andrew Soares, é exagerada a afirmação, uma vez que a maioria dos usuários recreativos de drogas não desenvolvem uma relação abusiva, ou mesmo problemas de saúde relacionados ao uso (BESERRA, 2014, p. 232); além disso, a ênfase dada pelo autor à importância da ritualização do uso de substâncias como forma de contenção psíquica da experiência “[...] pode contribuir para a estigmatização do uso de psicodélicos com finalidades lúdicas” (SOARES et al., 2022).

Outros junguianos já escreveram sobre uso de drogas, e especificamente sobre as drogas psicodélicas, sem partir de uma

postura de reticência e cautela, talvez justamente por teorizarem a partir da sua prática clínica com pacientes e usuários. No mesmo período em que Jung, Jaffé e Von Franz escreviam as obras em que abordam os psicodélicos, apresentadas acima, outros junguianos também vinham elaborando sobre o tema, porém a partir da da ciência psicodélica daquele momento, com base em suas participações em pesquisas principalmente com LSD, e sustentados na teoria junguiana. Abordaremos alguns desses trabalhos e suas importantes contribuições na sessão a seguir.

3. PIONEIROS PSICODÉLICOS JUNGUIANOS

Como afirmamos antes, Jung parece ter tido contato com psicodélicos dentro do período denominado por Ben Sessa (2013) como Primeira Era Psicodélica. Esta Era é caracterizada pelas pesquisas com mescalina (primeiro psicodélico a ser isolado e sintetizado em laboratório), e a partir de um paradigma psicotomimético que não priorizava a investigação de suas propriedades terapêuticas. Isto fica evidente nas referências que Jung menciona, a saber, os relatos de Aldous Huxley (2022) sobre suas experiências visionárias com a mescalina, e as pesquisas dos psiquiatras John Smythies e Hans Prinzhorn, que aplicaram mescalina em pacientes internados nos hospitais onde trabalhavam.

Já as junguianas Marie-Louise von Franz e Aniella Jaffé escreveram sobre o tema na década de 1970, durante a chamada Segunda Era Psicodélica (SESSA, 2013), que podemos entender também como o período de nascimento da Ciência Psicodélica, marcada pelas pesquisas com LSD e psilocibina, a sobreposição do paradigma psicotomimético pelos paradigmas psicodélicos e psicolíticos (que passaram a investigar diferentes aplicações psicoterapêuticas) e o início dos usos sociais dos psicodélicos. Esses importantes avanços na ciência psicodélica proporcionaram informações e contatos às duas autoras, que não foram acessados por Jung: Von Franz analisa sonhos de usuários sociais de LSD e Jaffé chega a citar o trabalho do importante e polêmico pioneiro psicodélico Timothy Leary. Esse contato não foi suficiente, entretanto, para a elaboração de análises menos quimicamente equivocadas e moralmente estigmatizantes.

Nesta seção, discutiremos as contribuições feitas por junguianos que atuaram dentro da produção científica psicodélica, principalmente relacionadas ao LSD, e são reconhecidos no campo psicodélico como pioneiros na área. Não tão próximos de Jung, entretanto, alguns até tiveram contato via cartas com ele, questionando-o sobre sua visão em relação a essas substâncias. Em contraste com a “opinião franca e crítica” de Jung (2015c, p. 224), construíram suas análises sobre as experiências psicodélicas a partir de suas experiências clínicas, mas

sem se distanciar da teoria junguiana, contribuindo com descrições detalhadas de casos clínicos, análises junguianas, recomendações para o psicoterapeuta que trabalha com LSD e reflexões sobre a relação transferencial. Dentre os pioneiros psicodélicos junguianos, destacaremos aqui o trabalho de Ronald Sandison, Michael Fordham, Margot Cutner e Betty Eisner.

Ronald Sandison [1916-2010] era psiquiatra-chefe do Hospital Powick, na Inglaterra, quando teve os primeiros contatos com os psicodélicos (HILL, 2013, p. 24), e ficou conhecido pelo desenvolvimento do modelo psicolítico (derivado do termo grego *lutikos* para lise, quebra), que consistia no uso de baixas doses de psicodélicos, com finalidade de quebrar as defesas egoicas do paciente e facilitar a análise – mas não substituí-la. O termo psicolítico chegou a ser usado para se referir tanto ao modelo terapêutico com baixas doses, quanto às próprias drogas, antes de o termo “psicodélico2” ganhar popularidade entre cientistas e usuários. Embora Sandison seja reconhecido como o cunhador do termo “psicolítico” (BISBEE et al., 2018; HILL, 2013, p. 25; BESERRA 2022, p. 64), Eisner afirma que ele teria sido cunhado, na verdade, em 1961, numa reunião da extinta Royal-Medico Psychological Association de Londres, na casa de Sandison, pelo colega Hanscarl Leuner [1919-1996] (EISNER, 1997, p. 213-214). Ainda segundo Eisner, o modelo psicolítico teria sido desenvolvido simultânea e independentemente por ela e Sandison (EISNER, 1997, p. 213-214).

Ainda em 1954, Sandison (1954, p. 508) faz uma das primeiras descrições fenomenológicas da experiência psicodélica sustentada em princípios junguianos, mapeando três principais apresentações: 1) imagens genéricas não específicas; 2) a recordação e a revivência de memórias e experiências esquecidas da infância; e 3) a experiência de imagens arquetípicas e impessoais. Estas últimas teriam para o autor, “[...] natureza similar àquelas experiências de contato com o inconsciente coletivo que pacientes têm através da análise dos sonhos, imagens e fantasias” (SANDISON, 1954, p. 508), e seriam as mais importantes, uma vez que a experiência arquetípica proporcionaria símbolos de cura (SANDISON, 1963, p. 34).

O resultado imediato da administração do LSD é produzir um aprofundamento do tom emocional do paciente, uma mudança no pensamento, às vezes uma regressão a um período emocional e intelectual anterior e a revivificação de memórias emocionalmente carregadas. Pode haver uma liberação de material inconsciente mais profundo, resultando em experiências impessoais manifestadas por impressões, ilusões e alucinações semelhantes a sonhos (SANDISON, 1963, p. 33).

² O termo psicodélico foi cunhado pelo psiquiatra Humphry Osmond, numa troca de cartas com Aldous Huxley, em 1957 (BISBEE et al., 2018). O termo é derivado das palavras gregas *psique* e *delos*, comumente traduzidas como “manifestadores da mente”, porém, aqui, proponho uma compreensão mais junguiana: “manifestadores da alma”.

Para Sandison (1954, p. 508), qualquer dessas experiências poderiam ocorrer independentemente de um contexto psicoterapêutico e poderiam ser benéficas para o usuário ao proporcionar um contato com aspectos reprimidos de suas vidas emocionais. Em contexto clínico, segundo o autor, seria certa o sucesso do tratamento com distúrbios de neurose obsessiva, distúrbios de caráter e psicopatas (SANDISON, 1963, p. 33). Para ele

Em muitos casos, as rígidas barreiras e resistências conscientes oferecidas pelo paciente são grandes demais para serem superadas. O LSD dá a essas pessoas alguma experiência real e tangível do seu próprio inconsciente e reacende a sua fé no seu próprio espírito numa fase comparativamente inicial do tratamento, ajudando-o a prosseguir mais rapidamente (SANDISON, 1954, p. 509).

Sandison (1954, p. 512-513) chegou ainda a comparar os efeitos do LSD e da imaginação ativa, afirmando que o terapeuta “[...] deve levar o paciente até o ponto onde consiga ativamente influenciar as imagens produzidas pelo LSD, para que ele possa conscientemente explorar sua mente e aprender algo da grande sabedoria do inconsciente”. Essa comparação foi criticada pelo analista junguiano britânico Michael Fordham [1905-1963], que acreditava que os psicodélicos diminuiriam a capacidade de engajamento consciente no processo analítico, chamando atenção para o aspecto passivo na experiência causada “[...] por meios bioquímicos involuntários” pelo LSD (HILL, 2013, p. 25).

[...] a semelhança é superficial e as diferenças, consideráveis. [...] na imaginação ativa, os arquétipos no inconsciente ganham forma pela atividade deliberada do paciente. É por isso que a imaginação descrita por Jung é chamada de ativa, em contraste com outros tipos de imaginação em que a participação passiva, muitas vezes defensiva, é mais característica. A atividade na fantasia do LSD é diferente daquela encontrada na imaginação ativa e se assemelha mais ao segundo tipo passivo de imaginação que propus que deveria ser agrupado sob o termo “atividade imaginativa” (FORDHAM, 1963, p. 125).

No texto em que faz este argumento, Fordham critica ainda a analista junguiana Margot Cutner [1905-1987], que concordava com Sandison quanto à comparação dos efeitos do LSD com os da imaginação ativa (CUTNER, 1959, p. 716). Enquanto Cutner ressaltou a importância psicoterapêutica da emergência do inconsciente, Fordham chamou atenção para o aspecto defensivo que o consciente pode assumir frente às imagens inconscientes, defendendo a integração como ponto essencial do processo analítico: “[...] é falacioso presumir que tornar os pacientes conscientes de fantasias inconscientes, memórias reprimidas, etc., é necessariamente terapêutico. A terapia depende mais da integração dos produtos anteriormente inconscientes no ego” (FORDHAM, 1963, p. 125).

Nas suas conclusões, Fordham (1963, p. 130) afirma que “[...] Pensar que o processo alucinatório pode complementar os resultados da análise resulta de uma confusão porque o ego não é mobilizado, mas dividido, e a relação do ego com a imagem é essencialmente diferente daquela da imaginação ativa”. Concordando com Jung sobre a importância da integração da experiência psicodélica, discorda dele sobre a impossibilidade desta etapa: “[...] O material de caso apresentado mostra que ele exagera quando usa a palavra ‘impossível’, pois o caso dois [...] integrou um pouco das experiências, dando-lhes um significado” (FORDHAM, 1963, p. 129).

Cutner, nascida Kuttner na Alemanha, junguiana com experiência com terapias corporais, se juntou ao departamento de Sandison no Hospital Powick em 1955, quando começou a participar das pesquisas com LSD levadas ali (DUBUS, 2020). Em 1959, no artigo *“Analytical work with LSD 25”* (CUTNER, 1959), ela apresenta o seu método terapêutico, elaborado ao longo de três anos de trabalho com LSD com pacientes do Powick. Cutner (1959, p. 721) propõe que os psicodélicos poderiam mobilizar um movimento compensatório, ou complementar, em relação à consciência, por meio da ativação de funções inferiores, ou da inversão das atitudes de introversão e extroversão.

[...] o material emergente do LSD, longe de ser caótico, revela, pelo contrário, uma relação definida com as necessidades psicológicas do paciente no momento em que toma a droga. Se acreditarmos, como Jung, que as atividades do inconsciente são, em grande medida, complementares às da consciência, não é surpreendente descobrir que a atividade inconsciente observada sob a influência da droga revela o seu caráter compensatório – de forma semelhante àquela observável em sonhos, visões (incluindo imaginação ativa) e outras manifestações do inconsciente em geral (CUTNER, 1959, p. 720).

Partindo desta premissa, ela explica as experiências místicas proporcionadas por psicodélicos como uma realização momentânea do arquétipo do Eu, ou Si-Mesmo: “[...] uma complementação bem-sucedida, através do trabalho conjunto momentâneo de todas as quatro funções, é alcançada, para resultar em uma experiência momentânea de totalidade” (CUTNER, 1959, p. 721). Além das experiências místicas, ela destaca quatro outras nas quais também é possível observar uma atuação de compensação inconsciente: 1) ativação repentina de uma ou mais funções inferiores e inversão de atitudes (introversão-extroversão); 2) emergência de material reprimido do inconsciente pessoal; 3) alterações da imagem corporal (com destaque para partes do corpo negligenciadas pela consciência do paciente); e 4) ativação de simbolismos de cura, vivenciados também na relação transferencial.

Cutner (1959, p. 716) comenta que a característica que mais preocupa os pesquisadores de LSD é sua “imprevisibilidade”, concordando que (com exceção de alguns padrões básicos) uma

pessoa terá a mesma experiência duas vezes, nem duas pessoas terão a mesma experiência sob efeito de LSD. A autora afirma, confiante, que essas expressões podem parecer arbitrárias para qualquer pessoa, menos para um analista: para Cutner, a explicação dessa suposta imprevisibilidade estaria no fator teleológico da natureza da psique, apontado por Jung.

[...] os fenômenos observáveis sob o efeito do LSD parecem confirmar, ainda mais claramente do que aqueles observados na análise geral, a ideia de Jung da psique como um sistema autorregulado, no qual as atividades inconscientes funcionam como fatores compensatórios a serviço de uma luta pela totalidade. O fator teleológico introduzido por Jung na concepção do inconsciente parece tornar-se ainda mais óbvio quando se tem a oportunidade de observar reações ao LSD num número bastante grande de pacientes durante vários anos. Olhando para o material obtido desta forma, parece que algo como um processo seletivo autônomo está em ação, determinando a sequência do material emergente de uma forma proposital – como se tudo o que emerge fosse exatamente o que é “necessário” para um determinado paciente em um momento específico, como um fator que complementa a personalidade consciente (CUTNER, 1959, p. 720).

Esta interpretação de Cutner sobre o funcionamento teleológico do inconsciente durante as experiências psicodélicas se assemelha à ideia do *inner healer* (ou “curador interno”), amplamente difundido no campo psicodélico das terapias psicodélicas, além de um tema presente em diversas mitologias. Este fator, ou agente, seria protagonista nos estados de consciência denominados pelo psiquiatra tcheco Stanislav Grof [1931-] de holotrópicos (“orientado para o todo”, na tradução dele) (GROF, 2015, p. 25): um subgrupo de estados não ordinários de consciência

[...] que apresenta um potencial heurístico, curativo, transformador e até mesmo revolucionário. Isso inclui as experiências de xamãs e de seus clientes, de iniciados em rituais nativos de passagem ou em mistérios antigos de morte e renascimento, de curandeiros espirituais e de místicos de todas as épocas, e de indivíduos em crises psicoespirituais (“emergências espirituais”) (GROF, 2015, p. 25).

Grof é um dos fundadores da Psicologia Transpessoal, nomeado o “padrinho do LSD” por Albert Hoffman [1906-2008] (o “pai do LSD”), pelas suas contribuições para a compreensão das aplicações clínicas do LSD, tendo conduzido mais de 4 mil sessões psicoterapêuticas com LSD na sua carreira, antes da proibição da substância (GROF, 2008b). A herança do seu trabalho é visível atualmente, por exemplo, na difusão do tema do curador interno, tanto nos meios *underground*, quanto nos ensaios clínicos com psicodélicos (PEILL et al., 2024). De fato, o artigo de Joseph Peill e equipe (2024) aponta que, no modelo de psicoterapia assistida por MDMA desenvolvido e utilizado pela MAPS (Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies), as posturas

recomendadas aos terapeutas e as instruções dadas aos pacientes para “ouvir” ou “deixar ir” o curador interno durante as sessões psicodélicas (MITHOEFER et al., 2008), por exemplo, têm inspiração nos trabalhos holotrópicos de Grof. Assim, filosofias teleológicas, tais quais assumidas por Jung em relação ao inconsciente (Jung) e Cutner em relação à experiência psicodélica, seguem presentes no campo psicodélico – “[...] de acordo com a ideia de Jung da psique como um sistema autorregulado, ‘lutando’ pela ‘totalidade’” (CUTNER, 1959, p. 756).

Outra reconhecida pioneira no campo psicodélico é a analista junguiana Betty Eisner [1915-2004], cujas contribuições teóricas seguem com importância ainda na atualidade. Em artigo de 1997, Eisner contava 22 anos de prática com psicoterapia assistida por psicodélicos; no texto, ela reconhece um “[...] atual renascimento do interesse e da pesquisa sobre psicodélico” (EISNER, 1997, p. 213) – movimento que seria reconhecido posteriormente como Renascimento Psicodélico (SESSA, 2013). Na sua carreira, Eisner chegou a acompanhar a primeira experiência de LSD em psicoterapia de Bill Wilson, um dos fundadores do Alcoólicos Anônimos, em 1956, junto ao psiquiatra Sidney Cohen [1910-1987] (POLLAN, 2018, p. 152) – tendo ela sido também a primeira cobaia de Cohen (DUBUS, 2020). Ela defendeu abertamente a importância da experiência pessoal com psicodélicos, para qualquer um que queira trabalhar com essas substâncias (EISNER, 1963, p. 141) – debate ainda vivo e sem consenso absoluto no campo psicodélico (VILLIGER, 2024).

Eisner acreditava que o processo mais importante na terapia com psicodélicos é permitir que o inconsciente do paciente se revele na sua própria sequência (EISNER, 1963, p. 143). Para isso, seria essencial levar em consideração o *set* e *setting* em que se dava o tratamento, além da sugestão do terapeuta para que o paciente simbolicamente “[...] vá em direção ao problema” e “[...] permita que o processo aconteça” (“allow it (whatever) happens”) (EISNER, 1997, p. 214). Esta postura voluntária e ativa do paciente seria fundamental, segundo Eisner, para o sucesso da terapia:

Os tratamentos com LSD são inseridos no contexto da psicoterapia e são usados como uma ajuda para acelerar o processo de terapia. O critério de escolha do paciente parece depender mais da motivação e da prontidão do que da categoria diagnóstica: é muito preferível ter um paciente que sabe que algo está errado, que deve mudar, e está disposto a fazer esforço para isso, a qualquer categoria diagnóstica específica (EISNER, 1963, p. 142).

Embora as noções de *set* e *setting* estejam presentes no trabalho de outros autores que estudaram o uso de substâncias psicoativas (OLIVENSTEIN, 1983; ZINBERG, 1984; HART, 2014), é atribuída a Timothy Leary a inserção desses termos no meio psicodélico, ainda na década de 1960 (POLLAN, 2018, p. 190): *set* referia-se ao sujeito;

setting, ao ambiente da sessão psicodélica; e *matrix* “[...] é o ambiente de onde o sujeito vem: o ambiente que cerca o sujeito antes e depois da sessão, e o ambiente mais amplo para o qual o sujeito retorna” (EISNER, 1997, p. 214). Para Eisner, a ideia de *matrix* não havia sido ainda levada em consideração no campo psicodélico, ou elementos dele foram incluídos como parte do *set* ou *setting*.

Por *matrix* entende-se o ambiente de onde vem o sujeito, tal como a família e a situação de vida; o ambiente em que o sujeito vive durante o percurso das sessões; e o ambiente para o qual o paciente retorna após uma terapia bem-sucedida – o espaço do dia a dia. Uma boa *matrix*, como um bom grupo ou um bom casamento, é um lugar onde o melhor possível para os indivíduos é atendido dentro do contexto criativo do relacionamento mais amplo. [...] Quando uma *matrix* funciona adequadamente, ela também se torna um processo: o ambiente torna-se aquele em que os indivíduos podem mudar e amadurecer e, à medida que crescem, a *matrix* se expande para conter o crescimento adicional (EISNER, 1997, p. 215).

O trabalho de Eisner de fato atraiu interesse no atual Renascimento Psicodélico, principalmente a partir da sua ideia de *matrix* e suas aplicações nas terapias psicodélicas. Mateo Petrement estudou a transição entre uma psicodelia vinculada aos valores contraculturais para uma suposta neutralidade política, analisando-a como efeito de uma *matrix* neoliberal, que mudou a centralidade do debate social para o indivíduo, a fim de combater a promessa dos psicodélicos de “[...] uma revolução de consciência que poderia informar uma cultura mais humana, livre de divisões sociais hierárquicas e da compulsão ao trabalho e ao consumo” (PETREMENT, 2023, p. 10).

Tal Davidson (2017) demonstrou como Eisner, na tentativa de manipular a *matrix* para favorecer o trabalho terapêutico, criou uma comunidade terapêutica (EISNER, 1997, p. 215) composta de casas e apartamentos para seu grupo de clientes, permitindo que ela ditasse diferentes situações de vida deles e eliminasse aspectos ambientais que inibiriam seu crescimento (Davidson, 2017, p. 109). Após a morte de um desses clientes, entretanto, outros membros da comunidade denunciaram Eisner por atitudes manipuladoras e extorsivas, além de abusos físicos e sexuais, e ela acabou perdendo sua licença médica (DAVIDSON, 2017, p. 24). Eisner (1963, p. 141) parece ter se perdido na análise da relação transferencial e exagerado na sua proposta de controle das jornadas psicodélicas por meio da “[...] manipulação do ambiente, da dosagem e das condições do paciente”.

Amparado em Davidson (2017) e Petrement (2023), o músico e psicólogo, cofundador da Associação Psicodélica do Brasil, Sandro Rodrigues (2024, p. 13), defende uma incorporação do conceito dentro do paradigma psicodélico de *set* e *setting*, ampliando ainda mais o reconhecimento dos efeitos além-farmacológicos dos psicodélicos, e a potência da *matrix* em “[...] dar nome e lugar à teia do real que escapa ao controle”.

Incorporar a *matrix* ao paradigma *drug-set-setting* é uma proposta metodológica que visa inverter a prioridade e o compromisso da renascença psicodélica, recuperando seu potencial revolucionário e a possibilidade de transformações sociais positivas que atendam não somente a uma parcela pequena e privilegiada da população, mas que valorize as vozes de diferentes atores sociais e priorize a universalidade do acesso a recursos de promoção de saúde, autonomia e bem estar coletivos (RODRIGUES, 2024, p. 20).

Para além dos pioneiros junguianos que trabalharam com psicodélicos, outros importantes atores da cena psicodélica valorizaram as contribuições de Jung nesse contexto. Grof (citado anteriormente) teve contato com o trabalho de Jung somente em 1967, quando imigrou para os EUA, confirmando suas observações (GROF, 2020, p. 125): enquanto seus *insights* sobre a consciência e seus domínios transpessoais vieram de suas sessões com altas doses de LSD, as de Jung vieram de sua crise espiritual (que Grof chama de “emergência espiritual”), que deu origem ao *Livro Vermelho* e à sua Psicologia Profunda. Para Grof & Grof (1992, p. 12), “[...] a psicologia profunda moderna e a pesquisa da consciência têm uma grande dívida com o psiquiatra suíço”, tendo ele “[...] demonstrado a natureza objetiva dos domínios históricos e arquetípicos do inconsciente coletivo [...] anos antes da pesquisa psicodélica e de novas terapias experienciais acumularem evidências que confirmem isto” (GROF, 2008a, p. 49).

Timothy Leary [1920-1996], pioneiro das pesquisas com psicodélicos em Harvard, e posteriormente intitulado “o homem mais perigoso da América” por Richard Nixon (POLLAN, 2018, p. 58), também faz uma “homenagem” a Jung, em 1964, no seu clássico *A experiência psicodélica: um manual baseado no Livro Tibetano dos Mortos* (LEARY et al., 2022). Embora discorde de muitos pontos do comentário de Jung (1992) sobre o Livro Tibetano dos Mortos, Leary o considera um dos grandes psicólogos do século XX, junto a William James, outro importante pioneiro nos estudos das drogas alteradoras de consciência. Comentando a passagem em que Jaffé (2021, p. 61-62) fala de Leary, Beserra (2011) a desmente sobre ele ter sido afastado da universidade por ter se tornado “viciado” e ter sido “judicialmente responsabilizado pela venda de marijuana”, demonstrando mais uma vez seu distanciamento em relação ao trabalho e contribuições do pesquisador.

O trabalho desses vanguardistas no campo psicodélico mostra o diálogo possível entre a teoria e a prática clínica junguiana e o uso de substâncias psicodélicas. Mesmo não tendo tido experiências diretas com psicodélicos, Jung foi um pioneiro no trabalho com imagens arquetípicas e seu manejo clínicos (FORDHAM, 1963, p. 129) – como ele mesmo reconhece:

Embora eu nunca tenha tomado a droga nem dado a outra pessoa, dediquei pelo menos 40 anos da minha vida ao estudo da esfera psíquica que é revelada pela referida droga; essa é a esfera das experiências numinosas (JUNG, 2015c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo não ser possível esgotar todo debate em torno da aproximação entre a psicologia junguiana e as substâncias psicodélicas em um artigo único, o texto buscou apresentar uma linha do tempo das contribuições junguianas em relação aos psicodélicos no século passado, criando uma ponte com conceitos e debates contemporâneos ao atual Renascimento Psicodélico, e introdução do campo junguiano ao campo dos psicodélicos. Como demonstrado, os fundamentos teóricos da Psicologia Profunda de C. G. Jung se revelam facilmente aplicáveis na compreensão da experiência psicodélica, pela experiência clínica acumulada com símbolos, imagens e arquétipos, e reconhece o aspecto curativo da integração da relação consciente-inconsciente e a qualidade teleológica da psique.

O Renascimento Psicodélico tem provocado um movimento gradual dos analistas e psicólogos junguianos em direção aos psicodélicos, identificando as contribuições que a psicologia analítica pode oferecer teórica e clinicamente. A literatura junguiana psicodélica específica cresce, com produções recentes resgatando textos pouco discutidos no Brasil (LÔBO, 2017) e discutindo o confronto com a sombra e o manejo clínico de experiências psicodélicas difíceis (HILL, 2013), o processo de integração da experiência psicodélica (COHEN, 2017), o usos enteógenos e sagrados de psicodélicos (MELLO, 2015), redução de danos em crises induzidas por psicodélicos (BESERRA, 2022) e as contribuições das cosmologias indígenas e perspectiva xamânicas (SOARES et al., 2022; BOECHAT; MENEZES, 2023). Espero contribuir na fertilização do solo brasileiro junguiano com esporos psicodélicos e alimentado a *matrix* micelial subterrânea para o florescimento de uma psicologia analítica psicodélica crítica e acessível.

REFERÊNCIAS

- BESERRA, F. R. **Uso contemporâneo do Badoh Negro**: uma visão Junguiana. Monografia (Especialização em Teoria e Prática Junguiana) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/beserra_bezerra_nado_negro.pdf. Acesso em: 5 nov. 2023.
- BESERRA, F. R. Psiquedélicos e promoção de saúde: uma visão junguiana. In: AMORIM, S.; BILOTTA, F. A. (ed.). **Jung & saúde**: temas contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p. 217-246.
- BESERRA, F. R. **Redução de danos em crises induzidas por psicodélicos**: uma leitura Junguiana. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- BISBEE, C. C. et al. (ed.). **Psychedelic prophets**: the letters of Aldous Huxley and Humphry Osmond. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2018. DOI: <http://doi.org/10.1515/9780773556027>.

- BOECHAT, W.; MENEZES, A. L. T. Ayahuasca and Amerindian perspectivism: the shamanic emergence in the Junguian clinic. *In*: STEIN, L.; CORBETT, L. (ed.). **Psychedelics and individuation: essays by Junguian analysts**. Asheville: Chiron Publications, 2023. p. 184-214.
- COHEN, I. **Returning to wholeness: the psycho-spiritual integration processo f ayahuasca ceremonies in western participants from a jungian perspective**. 2017. Dissertation (Doctor in Clinical Psychology) – California Institute of Integral Studies, San Francisco, 2017.
- CUTNER, M. Analytic work with LSD 25. **The Psychiatric Quarterly**, New York, v. 33, n. 4, p. 715-757, 1959. DOI: <http://doi.org/10.1007/BF01562041>. PMID:13813451.
- DAVIDSON, T. **The past lives of Betty Eisner: examining the spiritual psyche of early Psychedelic therapy through the story of na outsider, a pioneer, and a villain**. 2017. Dissertation (Master in Arts) – York University: Toronto, 2017.
- DUBUS, Z. **Women’s historical influence on “set and setting”**. Chacruna Institute, 30 sept. 2020. Disponível em: <https://chacruna.net/women-and-history-of-set-and-setting/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- EISNER, B. The influence of LSD on unconscious activity. *In*: CROCKET, R.; SANDINSON, R. A.; WALK, A. (ed.). **Hallucinogenic drugs and their psychotherapeutic use**. London: H. K. Lewis & Co. Ltd., 1963. p. 141-145.
- EISNER, B. Set, setting, and matrix. **Journal of Psychoactive Drugs**, São Francisco, v. 29, n. 2, p. 213-216, 1997. DOI: <http://doi.org/10.1080/02791072.1997.10400190>. PMID:9250949.
- FORDHAM, M. Analytic observations on patients using hallucinogenic drugs. *In*: CROCKET, R.; SANDINSON, R. A.; WALK, A. (ed.). **Hallucinogenic drugs and their psychotherapeutic use**. London: H. K. Lewis & Co. Ltd., 1963. p. 125-130.
- GEORGE, J. R. *et al.* The Psychedelic Renaissance and the limitations of a Wite-dominant medical framework: a call for indigenious and ethnic minority inclusion. **Journal of Psychedelic Studies**, Budapeste, v. 4, n. 1, p. 4-15, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1556/2054.2019.015>.
- GROB, C. S. The psychology of ayahuasca. *In*: METZNER, R. (ed.). **Ayahuasca: hallucinogens, consciousness, and the spirit of nature**. New York: Thunder’s Mouth Press, 1999.
- GROF, S.; GROF, C. **The stormy search for the self: a guide to personal growth through transformational crisis**. New York: Jeremy P. Tarcher, 1992.
- GROF, S. Brief history of transpersonal psychology. **International Journal of Transpersonal Studies**, Palo Alto, v. 27, n. 1, p. 46-54, 2008a. DOI: <http://doi.org/10.24972/ijts.2008.27.1.46>.
- GROF, S. **LSD psychotherapy: the healing potential of psychedelic medicine**. 4th ed. San Jose, CA: Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies, 2008b.
- GROF, S. **Cura profunda: a perspectiva holotrópica**. Rio de Janeiro: Numina, 2015.
- GROF, S. **O caminho do psiconauta: enciclopédia para jornadas internas**. Rio de Janeiro: Numina, 2020. v. 1.

- HART, C. **Um preço muito alto**: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- HILL, S. **Confrontation with the unconscious**: Jungian depth psychology and psychedelic experience. London: Muswell Hill Press, 2013.
- HUXLEY, A. **As portas da percepção e céu e inferno**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2022.
- JAFFÉ, A. A experiência interior com a mescalina. In: JAFFÉ, A. (ed.). **O mito do significado na obra de Carl G. Jung**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2021. p. 59-64.
- JUNG, C. G. **Dr. Carl Jung's Letter to Bill W. January 30, 1961**. [S.l.]: Silkworth.net, 1961. Disponível em: <https://silkworth.net/alcoholics-anonymous/dr-carl-jung-s-letter-to-bill-w-jan-30-1961/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- JUNG, C. G. Comentário psicológico sobre o livro tibetano da grande libertação. In: JUNG, C. G. (ed.). **Psicologia e religião oriental**. Petrópolis: Círculo do Livro, 1992. p. 7-63.
- JUNG, C. G. To J. B. Rhine. In: ADLER, G.; JAFFÉ, A. (ed.). **Letters of C. G. Jung**: volume II 1906-1950. London: Princeton University Press, 2015a. p. 126-127.
- JUNG, C. G. To father Victor White. In: ADLER, G.; JAFFÉ, A. (ed.). **Letters of C. G. Jung**: volume II 1906-1950. London: Princeton University Press, 2015b. p. 163-174.
- JUNG, C. G. To A. M. Hubbard. In: ADLER, G.; JAFFÉ, A. (ed.). **Letters of C. G. Jung**: volume II 1906-1950. London: Princeton University Press, 2015c. p. 222-224.
- JUNG, C. G. To Betty Grover Eisner. In: ADLER, G.; JAFFÉ, A. (ed.). **Letters of C. G. Jung**: volume II 1906-1950. London: Princeton University Press, 2015d. p. 382-383.
- JUNG, C. G. To Romola Nijnsky. In: ADLER, G.; JAFFÉ, A. (ed.). **Letters of C. G. Jung**: volume II 1906-1950. London: Princeton University Press, 2015e. p. 299-300.
- JUNG, C. G. A esquizofrenia. In: JUNG, C. G. (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2015f. p. 218-230.
- JUNG, C. G. Novas considerações sobre a esquizofrenia. In: JUNG, C. G. (ed.). **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2015g. p. 212-217.
- LATTIN, D. **Distilled spirits**: Gettin' High, Then Sober, with a famous writer, a forgotten philosopher, and a hopeless drunk. Los Angeles: University of California Press, 2012. DOI: <http://doi.org/10.1525/9780520352629>.
- LATTIN, D. Bill Wilson, LSD and the secret psychedelic history of alcoholic anonymous. **Lucid News**, 20 oct. 2020. Disponível em: <https://www.lucid.news/bill-wilson-ld-and-the-secret-psychedelic-history-of-alcoholics-anonymous/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- LEARY, T.; METZNER, R.; ALPERT, R. Homenagem a Carl G. Jung. In: LEARY, T.; METZNER, R.; ALPERT, R. (ed.). **A experiência psicodélica**: um manual baseado no Livro Tibetano dos Mortos. São Paulo: Goya, 2022. p. 45-55.
- LÔBO, I. **Psicologia Junguiana e experiência psicodélica**: re-visionando drogas. 2017. Monografia (Especialização em Psicoterapia Analítica) – Instituto Junguiano da Bahia, Salvador, 2017.
- LÔBO, I.; ALENCAR, C. P.; LADEIA, M. Doces, amargos e sem gosto: LSD, adulterantes e manejo de efeitos adversos. In: BESERRA, F. R. (ed.). **Redução de danos em contexto de festas**. Curitiba: Editora CRV, 2021. p. 139-152.

- MCDONNEL, R. *et al.* AA, Bill Wilson, Carl Jung and LSD. **The Journal of Analytical Psychology**, London, v. 69, n. 4, p. 550-580, 2024. DOI: <http://doi.org/10.1111/1468-5922.13027>. PMID:39081090.
- MELLO, P. B. **A nova aurora de uma antiga manhã**. North Charleston: CreateSpace Independent Publishing, 2015.
- MITHOEFER, M. C. *et al.* **A manual for MDMA-assisted psychotherapy in the threatment of posttraumatic stress disorder**. California: Multidisciplinair Association for Psychedelic Studies (MAPS), 2008. Disponível em: <https://maps.org/research-archive/mdma/MDMA-Assisted-Psychotherapy-Treatment-anual-Version7-19Aug15-FINAL.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- OLIVENSTEIN, C. **La drogue ou la vie**. Paris: Robert Laffont, 1983.
- PEILL, J. *et al.* Psychedelics and the ‘inner healer’: myth or mechanism? **Journal of Psychopharmacology**, Oxford, v. 38, n. 5, p. 417-424, 2024. DOI: <http://doi.org/10.1177/02698811241239206>.
- PETREMENT, M. S. Historicizing psychedelics: counterculture, renaissance, and the neoliberal matrix. **Frontiers in Sociology**, Lausanne, v. 8, p. 1114523, 2023. DOI: <http://doi.org/10.3389/fsoc.2023.1114523>. PMID:37808425.
- POLLAN, M. **How to change your mind: the new science of psychedelics**. London: Penguin Books, 2018.
- RODRIGUES, S. **Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia**. Rio de Janeiro: APB, 2019. Apostila de minicurso.
- RODRIGUES, S. Pela incorporação do conceito de matrix ao paradigma psicodélico. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 21, n. 2, eK24038, 2024.
- SANDISON, R. A. Psychological aspects of the LSD treatment of the neuroses. **The Journal of Mental Science**, London, v. 100, n. 419, p. 508-515, 1954. DOI: <http://doi.org/10.1192/bjp.100.419.508>. PMID:13175012.
- SANDISON, R. A. Certainty and uncertainty in the LSD treatment of psychoneurosis. *In*: CROCKET, R.; SANDINSON, R. A.; WALK, A. (ed.). **Hallucinogenic drugs and their psychotherapeutic use**. London: H. K. Lewis & Co. Ltd., 1963. p. 33-36.
- SESSA, B. **The psychedelic renaissance: reassessing the role of psychedelic drugs in 21st century psychiatry and society**. London: Muswell Hill Press, 2013.
- SILVEIRA, D. X. *et al.* Ayahuasca in adolescence: a preliminary psychiatric assessment. **Journal of Psychoactive Drugs**, São Francisco, v. 37, n. 2, p. 129-133, 2005. DOI: <http://doi.org/10.1080/02791072.2005.10399792>. PMID:16149324.
- SMYTHIES, J. R. The mescaline phenomena. **The British Journal for the Philosophy of Science**, London, v. 3, n. 12, p. 339-347, 1953. DOI: <http://doi.org/10.1093/bjps/III.12.339>.
- SOARES, A. O.; SERBENA, C. A.; BESERRA, F.R. Contribuições possíveis das culturas indígenas ayahuasqueiras para a clínica junguiana. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO GT EPISTEMOLOGIA E INTERFACES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA, 2022, São Paulo. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, 2022.

- VILLIGER, D. Personal psychedelic experience of psychedelic therapists during training: should it be required, optional, or prohibited? **International Review of Psychiatry**, Abingdon, p. 1-10, 2024. No prelo. DOI: <http://doi.org/10.1080/09540261.2024.2357669>.
- VON FRANZ, M. L. As drogas na visão de C. G. Jung. *In*: VON FRANZ, M. L. (ed.). **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. Study Group on Ataratic and Hallucinogenic Drugs in Psychiatry. **Ataratic and hallucinogenic drugs in psychiatric**: report of a study group [meeting held in Germany from 4 to 9 November 1957]. Geneva: WHO, 1958. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/40410>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- ZINBERG, N. **Drug, set, and setting**: the basis for controlled intoxicant use. New Haven: Yale University Press, 1984.
- ZOJA, L. **Nascer não basta**. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

Iago Lôbo é redutor de danos e psicólogo (UFBA), especializado em Psicoterapia Analítica (IJBA) e mestrando em Saúde Coletiva (ISC/UFBA), onde pesquisa o Renascimento Psicodélica. Foi supervisor de equipe do Programa Corra Pro Abraço (SJDHDS/BA) por 5 anos, e tem 9 anos de atuação clínica. Co-fundador do Núcleo Nordeste da Associação Psicodélica do Brasil, colaborador no portal Ciência Psicodélica e criador do Micélio de Notícias, observatório de notícias sobre psicodélicos na mídia brasileira.